

Emma Gordon Klabin



Emma Klabin em foto do estúdio A. Wertheim, Berlim, Alemanha, 1923.

A partir do final dos anos 40, passou a adquirir importantes obras de arte em diversas galerias européias e americanas, além de comprar diversas peças de outros colecionadores brasileiros e de diplomatas estrangeiros de passagem pelo Brasil. Além de algumas peças que ornamentavam a antiga residência paterna, Emma formou, no pós-guerra, um importante conjunto de telas de pintura européia, além de alguns itens de mobiliário europeu antigo.

Logo começou a acalantar o sonho de construir uma residência onde pudesse conviver com o belo acervo que ia se formando e onde pudesse receber seus familiares, amigos e artistas em ambiente refinado. A casa, feita sob medida para abrigar sua coleção, foi inaugurada no final em 1960.

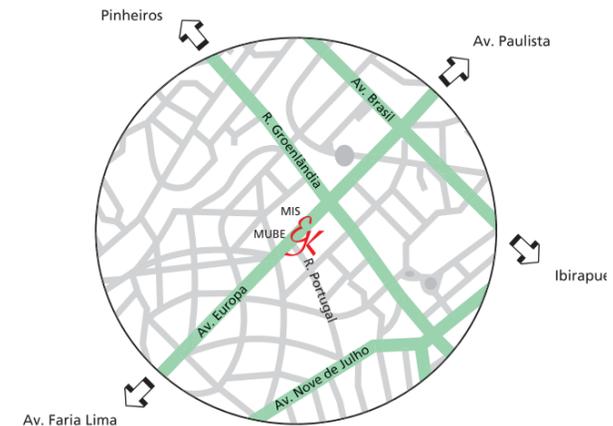
Já no final de sua vida, e não tendo herdeiros diretos, Emma Klabin preocupou-se com o destino de sua coleção e, como sua irmã Eva fizera no Rio de Janeiro, criou a Fundação Cultural Emma Gordon Klabin, para que sua casa se tornasse um novo museu aberto à visitação pública.

Nascida no Rio de Janeiro em 1907, Emma Gordon Klabin era filha de Hessel Klabin e Fany Gordon Klabin, imigrantes lituanos vindos para o Brasil na última década do séc. XIX.

Seu pai, naturalizado brasileiro em 1923, foi um empresário que se distinguiu no desenvolvimento da indústria do papel e da celulose no país. Foi educada no Brasil e na Europa (Alemanha e Suíça), onde residiu durante a Primeira Guerra Mundial. Além da atividade empresarial, assumida em 1946, com a morte de seu pai, Emma dedicou-se a inúmeras atividades filantrópicas e assistenciais, dentre as quais se destaca o papel desempenhado na construção do Hospital Israelita Albert Einstein em São Paulo.

Apreciadora de música e de arte, Emma Klabin teve uma significativa atuação na vida cultural da cidade, com participação nos conselhos de instituições culturais, além de promover artistas, participar de leilões beneficentes em prol das entidades que apoiava e realizar concertos em sua própria casa com artistas de renome.

Fundação Emma Klabin
Rua Portugal, 43 - São Paulo
01446-020 tel: 55 11 3897.3232



Visitação:

Para consultar nossos horários de visitação visite nosso site: www.emaklabin.org.br

Ingressos:

R\$10 e R\$5 (meia-entrada para estudantes e maiores de 60 anos)
Às sextas-feiras e sábados entrada gratuita.

Educativo

A Fundação Emma Klabin possui programa específico para a visita de grupos escolares. Para maiores informações e agendamento, envie e-mail para educativo@emaklabin.org.br

Programação:

A Fundação realiza regularmente extensa programação cultural, que abrange apresentações musicais (aos sábados, 16h), exposições, cursos, palestras, oficinas e visitas temáticas. Para maiores informações visite nosso site www.emaklabin.org.br e cadastre-se para receber nossa programação.

Eventos

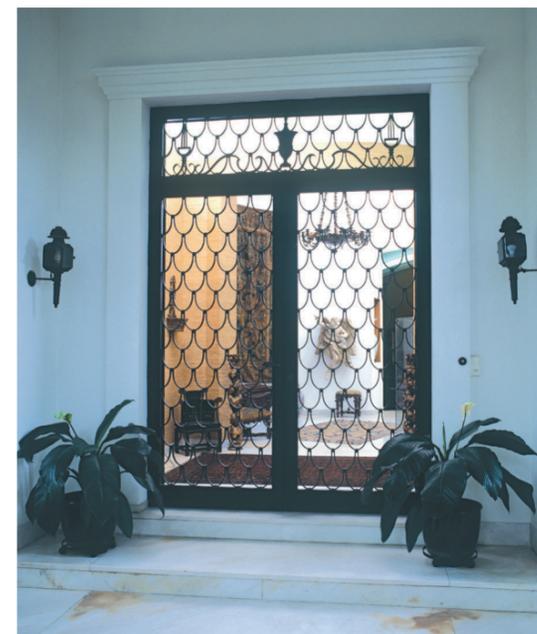
A Fundação Emma Klabin dispõe de espaço coberto e equipado em seu jardim (300m2) para a locação de eventos culturais e empresariais. Para maiores informações, envie e-mail para adm@emaklabin.org.br



Apoio



A Fundação Cultural Emma Klabin



Oficialmente registrada em 1978, a Fundação Cultural Emma Gordon Klabin é uma instituição sem fins lucrativos, de utilidade pública federal, voltada à promoção e difusão de atividades artísticas e culturais, bem como a transformação da residência de Emma Klabin em museu aberto à visitação pública.

A sede da Fundação localiza-se em um terreno de quase quatro mil m², no coração do Jardim Europa, bairro nobre criado nos anos 1920, seguindo o modelo das cidades-jardim inglesas, similar ao contíguo Jardim América, projetado pelo urbanista inglês Barry Parker.

A casa, com cerca de 900 m² de área, foi meticulosamente projetada pelo engenheiro-arquiteto Alfredo Ernesto Becker, em meados dos anos 1950, para abrigar a crescente coleção reunida por Emma Klabin. Inspirada pelo Palácio

de Sanssouci, em Potsdam, Alemanha, a casa mistura elementos clássicos, como os arcos plenos das portas e janelas, com elementos modernos, como os materiais de acabamento utilizados. O italiano Terri Della Staffa, pioneiro do design de interiores em São Paulo, foi o responsável pela decoração da casa e pela distribuição da coleção pelos diversos ambientes.

O extenso acervo reunido por Emma Klabin é de difícil definição, dado o seu caráter abrangente e diversificado. Com uma visão diversa daquela de um historiador da arte ou de um curador, ela, como muitos colecionadores particulares, procurou cercar-se em seu ambiente doméstico das coisas belas que apreciava. Seguindo basicamente seu gosto pessoal, sem a preocupação de formar uma coleção com um tema específico, os ambientes de sua casa foram sendo preenchidos ao longo de mais de quatro décadas, com mais de 1500 peças dos mais diversos períodos, técnicas e procedências.

Paulo de Freitas Costa

Vestíbulo e Hall

Ema Klabin colecionou objetos de quase todas as religiões e os dispôs pela casa seguindo as tradições dos ambientes que freqüentava na Europa. Assim, logo à entrada, temos a pintura renascentista “Sagrada Família”, de Jacopo Francia (séc. XVI), sobre uma bela cômoda em estilo maggiolini.

O hall circular apresenta a diversidade da coleção. Duas grandes tapeçarias – uma holandesa, do séc. XVII e a outra flamenga, do séc. XVIII – revestem as paredes. De um lado temos uma coleção de figuras funerárias em cerâmica de três cores da dinastia Tang (China, séc.VIII) e um vaso sang-de-boeuf sobre uma arca italiana do séc. XVII. Do outro lado, um cassone italiano (séc. XVI) é cercado por anjos rococó (Itália, séc. XVIII), móveis franceses (séc. XVII) e dois potiches em porcelana Iznik (Turquia, séc. XVII).



Quarto Principal

Logo à entrada do quarto, uma coleção de esculturas cerimoniais africanas surpreende o visitante. No ambiente concentram-se as obras do modernismo brasileiro, com telas de Lasar Segall, Portinari e Di Cavalcanti, junto a esculturas de Brecheret e Bruno Giorgi. Nos nichos das estantes, peças da antiguidade clássica (Grécia, séc. IV-I a.C.) e uma coleção de cerâmicas de culturas pré-colombianas, junto aos seus livros raros. Junto à sua cama (veneziana, do séc. XVIII), a mais importante peça de mobiliário da coleção: uma mesa de jogos com vários tampos, encomenda da casa real portuguesa do tempo de D. João V (séc. XVIII). Nos nichos do trumeau inglês, peças trabalhadas em marfim, como os netsukes e peças de xadrez. Ao lado, o suntuoso banheiro, revestido em placas de vidro leitoso.



Salão

A tela Triunfo de Baco e Ariadne, do pintor barroco italiano Giovanni Battista Gaulli – Il Baciccio (séc. XVII) cria o clima festivo apropriado ao grande salão da casa, onde Ema realizava suas festas e reuniões. Neste ambiente estão dispostas as peças de maior raridade e importância da coleção, como o conjunto de bronzes arcaicos chineses (o mais antigo do séc. XIV a.C.), as cerâmicas gregas (séc. IV – I a.C.), a prataria européia (séc. XVII – XIX), as maiólicas italianas (séc. XVI) e figuras religiosas orientais de diversas procedências. Merecem destaque ainda as pinturas de Jan Bruegel, Pesca Milagrosa (Flandres, séc. XVI), Sebastiano Ricci, A Recusa de Arquimedes (Itália, séc. XVII), além da Paisagem com árvores ao vento, de Chaim Soutine (França, 1919).



Sala de Jantar

Este ambiente revela o interesse de Ema pela arte brasileira do período colonial e imperial, reunindo diversas talhas de Mestre Valentim da Fonseca e Silva, provenientes da Igreja de São Pedro dos Clérigos, do Rio de Janeiro, demolida em 1943, além de uma coleção de imaginária sacra brasileira, disposta no armário. Seguindo a tradição, naturezas-mortas de diversos períodos cobrem as paredes, com belas obras de Abraham Bruegel, Renoir, Vlaminck e Lasar Segall. Sobre o console, sopeiras de porcelana da Companhia das Índias do Serviço dos Pavões, semelhantes às peças trazidas ao Brasil por D. João VI. Aqui o visitante sempre encontrará a mesa posta à maneira dos sofisticados jantares de Ema, exibindo parte de sua vasta coleção de porcelanas, cristais e prataria.

Galeria

A longa galeria semicircular, que une todos os ambientes da casa, apresenta uma série de pinturas de grandes mestres europeus. Para quem chega, o primeiro destaque é o belo tondo renascentista de Raffaellino del Garbo, Virgem com menino e São João Evangelista (Itália, séc. XVI). Ao centro, há uma bela tela de Frans Post, Vista de Olinda. Esta pintura, realizada durante o domínio holandês no nordeste do Brasil no séc. XVII, reflete o espírito da coleção, ao unir a tradição artística européia a elementos da paisagem brasileira. A galeria conta também com diversas peças de mobiliário europeu, onde se destaca o grande banco gótico de sacristia, decorado com flores-de-lis (França, séc. XIV). Sobre os móveis estão dispostos diversos objetos religiosos e decorativos.



Quarto de Hóspedes

Todo o mobiliário deste quarto é de origem luso-brasileira do século XVIII, feito em jacarandá, nos estilos D. José e D. João V. Sobre a parede lado da cama há um belo tapete persa com uma cena do Antigo Testamento, que pertenceu à família de Ema por muitos anos. Entre as pinturas, temos a famosa paisagem do Rio de Janeiro, de Tarsila do Amaral, além de obras de grandes mestres, como Philips Wouwerman (Holanda, séc. XVII), Claude Lorrain (França, séc. XVII) e de um seguidor de Claude Vernet (França, séc. XVIII). Aplicadas sobre as portas dos armários, portas peruanas do período colonial enriquecem o ambiente. O visitante também poderá observar o banheiro anexo, decorado com típicos azulejos dos anos 1950.



Sala de Música

Amante de música e ópera, Ema decidiu dispor neste ambiente duas importantes telas de Marc Chagall, numa clara referência à Ópera de Paris, cuja cúpula o artista pintou em 1964. A mais antiga, No campo, foi pintada em 1925, logo após o artista se estabelecer definitivamente na França, e expressa sua melancolia pela paisagem russa. A outra, Casal com flores e galo vermelho, de 1957, revela a sua maturidade como artista em Paris. Ema costumava tocar canções do romantismo alemão em seu piano Érard, de 1911 (estilo Luis XV), cercada pelo conjunto de lambris do Império Otomano (séc. XVIII), provavelmente proveniente da cidade de Damasco, Síria, que contribuem para criar a acústica adequada para o ambiente.



Biblioteca

A biblioteca era o ambiente predileto de Ema, onde costumava receber familiares e amigos íntimos, além de passar horas se deleitando com a sua coleção de livros raros, que incluía desde manuscritos e incunábulos até raras edições ilustradas do séc. XVIII, além de um conjunto significativo de relatos de viajantes estrangeiros sobre o Brasil (Brasiliana). Logo à entrada, pequenas gravuras de Rembrandt e Albrecht Dürer (séc. XVI-XVII) dão o tom do ambiente, dominado pela tela “Ariadne”, do pintor rococó francês Jean-Baptiste Greuze (Séc. XVIII), sua primeira aquisição importante para a coleção, realizada em 1947 por indicação do marchand italiano P.M. Bardi, recém-chegado ao Brasil. Bardi viria a formar a coleção do Museu de Arte de São Paulo, influenciando diversos colecionadores.

